

FAZENDO UMA ETNOGRAFIA VISUAL ENTRE OS TINGUI BOTÓ/AL.

Adriano Cabral da Silva.

Adriano Cabral da Silva¹

Resumo:

Este trabalho, que teve como tema: Fazendo uma Etnografia Visual entre os Tinguí Botó, fala sobre uma pesquisa realizada na aldeia Tinguí Botó em Feira Grande/AL, no ano de 2016/2017. Foi retratada a realização do cinema naquela comunidade como forma de divulgar e disseminar a cultura local e também outras culturas. Durante a ação, foram realizados vários vídeos tanto do cotidiano da comunidade como também de relatos de entrevistas falando sobre as lutas, sofrimentos e conquistas do povo guerreiro Tinguí Botó. A pesquisa-ação foi dividida em cinco capítulos. Tiveram como linhas de ação: analisar os métodos a serem utilizados nas ações; apresentar autores que falam sobre o tema do trabalho; realizar uma historiografia da aldeia desde antes de sua fundação até os dias atuais; elaboração de uma fotoetnografia utilizando para apresentação o método de Bateson e Mead (fotografias em pranchas); uso de um filme (29' e 54") com dados etnográficos sobre o resultado da pesquisa.

Palavras-chave: Etnografia – Tinguí Botó – Cultura – Povo – Pesquisa

O “cocar é nossa casa” e “o paú [cachimbo] é nosso coração”.

Sabaru

Cardoso de Oliveira (1988), em seu livro intitulado: Sobre o pensamento antropológico vai falar sobre as tradições intelectualistas e empiristas percebendo em cada uma dessas tradições “escolas” ou vertentes na antropologia onde uma seria marcada pela neutralização ou anulação do tempo ou da história, outra pela consideração do tempo ou da dimensão histórica como categoria fundamental de seu modo de conhecer. A autonomia formada pela sincronia/diacronia irá levar Cardoso de Oliveira a construção de uma tabela com duas entradas, constituída de quatro espaços ou domínios: intelectualista/sincronia, empirista/sincronia, empirista/diacronia, intelectualista/diacronia.

A partir desses pressupostos, surgem duas tradições no campo da Antropologia Brasileira: à Antropologia Indígena e a Antropologia da Sociedade Nacional. A primeira influenciada pelos estudos de Curt Nimuendaju e a segunda por Gilberto Freyre. Vários autores influenciaram o ensino de antropologia nesse período inicial como Baldus, Roquete, Pinto, Arthur Ramos e Heloísa Albert Torres, Carlos Estêvão de Oliveira e Estêvão Pinto, em que esses têm influenciado, principalmente, no lado cultural da antropologia.

No lado estrutural, surge como pioneiro, meados das décadas de 40 e 50 do século XX, Florestan Fernandes

[...] como não estou fazendo uma História da Antropologia, mas apenas tentando uma periodização para melhor nos entendermos sobre o passado remoto, o recente e mesmo sobre o nosso presente – tudo isso para indicarmos a maior juventude do conceito de estrutura entre nós e as profundas raízes que o conceito de Cultura lançou na História da disciplina –, gostaria apenas de acrescentar que se o conceito de Cultura esteve sempre inserido numa visão germânica (através de um Thurnwald, de quem Baldus fora aluno) ou norte-americana (pela via de um Boas) e, nesse sentido, solidário de um certo culturalismo–funcionalismo, o conceito de Estrutura, que durante os seus primeiros tempos entre nós esteve preso pelas mãos Florestan Fernandes ao Estrutural–funcionalismo, veio a perder esse caráter somente no período atual, especificamente a partir dos anos 70 (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988, p. 113).

¹ Assistente Social, especialista em Elaboração de Projetos e Estudante de Ciências Sociais na Universidade Federal de Alagoas.

“Extensão em Debate” - ISSN Eletrônico 2236-5842– Maceió – AL – Revista da Pró-Reitoria de Extensão, da Universidade Federal de Alagoas/UFAL. Edição Especial nº. 09. Vol.11, ano 2022.

FAZENDO UMA ETNOGRAFIA VISUAL ENTRE OS TINGUI BOTÓ/AL.

Adriano Cabral da Silva.

Outro autor a tratar da temática é Barth (1969) ao dizer que as distinções étnicas não dependem de uma ausência de interação social e aceitação, mas são, muito ao contrário, frequentemente, as próprias fundações sobre as quais são levantados os sistemas sociais englobantes”. Para este autor, em seu livro “Grupos Étnicos e suas fronteiras” é trazida uma abordagem sobre a etnicidade e a persistência das fronteiras criadas por partes das unidades étnicas.

A etnicidade está relacionada com a organização dos grupos étnicos, ela é atribuída pelos próprios autores, e as fronteiras seriam mantidas apesar da movimentação e intercâmbio entre eles, além do que delimitariam a posição do grupo ou indivíduos nas diversas relações. Certas relações estáveis são mantidas através dessas fronteiras baseadas em estatutos étnicos. (BARTH, 1969, p. 186).

A imagem que é atribuída aos grupos étnicos é que têm uma identidade baseada em fatores objetivos que muitas vezes não correspondem às suas características reais. Barth recomenda que para entender as dinâmicas desses grupos é necessário levar em consideração as características que são significantes para os próprios atores.

O registro imagético é uma opção metodológica que possibilita diálogo entre os interesses dos Tinguí Botó, tanto no sentido cultural como tipos de comidas, rituais, danças, músicas, vestimentas, e utensílios utilizados nos rituais, como também no sentido espiritual, formas de trabalho e subsistência. Sendo formado, portanto, dentro da aldeia grupos de mulheres, crianças e idosos representando a aldeia para as fotos e filmagens.

Segundo MacDougall (1998, p. 61) representação visual pode ser vista como oferecendo uma alternativa apropriada para escrita etnográfica... para novas disposições de sujeitos envolvendo o corpo, sentidos, emoções, na vida social.

Ao analisar as imagens do registro imagético percebe-se a satisfação das pessoas em participar das entrevistas e das filmagens. A Câmera é um instrumento de provocação, criando uma realidade que lhe é própria, uma outra realidade estabelecida em relação entre quem registra e por quem se deixa registrar. A imagem é um instrumento cinematográfico no qual criatividade e percepção são os elementos que a compõem. Esta pesquisa foi baseada na produção de imagens (fílmicas e fotográficas) que foi a base desta pesquisa, onde através dos depoimentos nas entrevistas e das fotografias percebe-se as características culturais valoradas pelos Tinguís.

Segundo Peirano (1991) a antropologia se preocupa com a especificidade de seu objeto de pesquisa, demonstrando ser uma Ciência Social que é “paradoxalmente a mais artesanal e a mais ambiciosa: ao submeter conceitos preestabelecidos à experiência de contextos diferentes e particulares, ela procura dissecar e examinar, para então analisar, a adequação de tais conceitos” (PEIRANO, 1991, p. 44).

Através da aplicação de métodos participativos, desenvolvi ações alicerçadas nos objetivos propostos para chegar ao objetivo geral e direcionadas através dos seguintes instrumentos: observação; seleção do público a ser entrevistado; entrevista com perguntas abertas. A coleta de dados se deu através de dados primários e secundários. Será utilizada para alcançar os objetivos do projeto a pesquisa descritiva por ser qualitativa e explicativa situando o ambiente social de ocorrência. A realidade tempo-espço é fundamental na identificação causa e efeito do evento social. Tendo como procedimentos básicos: registrar, classificar, identificar e aprofundar a análise, sendo utilizado o procedimento técnico de pesquisa de campo e método etnográfico. Os métodos utilizados para alcançar o resultado da pesquisa foram: entrevistas realizadas com os integrantes da comunidade indígena; Construção de um banco de dados qualitativo e quantitativo alusivos ao tema proposto; Análise dos dados obtidos quantitativo e qualitativamente sobre a perspectiva da antropologia/etnografia; Coleta de dados locais existentes sobre a fundação da Aldeia; Documentar o material coletado: entrevistas, gravações audiovisuais, documentos e fotos; Divulgação dos dados obtidos como resultado desta pesquisa, observando os princípios éticos e com a permissão dos envolvidos.

O tipo de pesquisa utilizado foi a aplicada ou empírica, onde pôde contribuir teoricamente com novos fatos para o planejamento de novas pesquisas ou mesmo para a compreensão teórica de certos setores do conhecimento. Para

FAZENDO UMA ETNOGRAFIA VISUAL ENTRE OS TINGUI BOTÓ/AL.

Adriano Cabral da Silva.

coleta de dados, foi utilizado o questionário para entrevista com os integrantes dos Tingui Botó. A entrevista é uma abordagem técnica do trabalho de campo e é considerada um dos mais importantes elementos para a efetivação da pesquisa qualitativa.

Durante a pesquisa percebe-se nas falas dos indígenas que a luta por território e por reconhecimento, respeito e autonomia tem sido constante. E o fato de está sempre em estado de alerta para não cair em armadilhas ou ciladas empreendidas por parte dos “brancos” deixa o indígena muito tenso, apreensivo, visto que, a vigília deve ser constante para não tentarem tirar suas terras, para não invadirem o Ouricuri e para não tentarem fechar estradas ou vias que os indígenas utilizam ainda como passagem para algum outro lugar dentro ou fora da aldeia.

Queremos chamar atenção para o fato de que assumir a identidade indígena é estar na luta e lutar pode implicar o abalo de relações clientelistas e personalizadas com o patrão. Se da luta não se colhesse bons frutos, seria devastador para os índios, uma vez que a demanda territorial terminou por fechar-lhes as portas do acesso à terra junto aos patrões (FERREIRA 2016, p. 102).

Parafraseando Marcos Sabaru, com essa conquista da terra, a comunidade passa a ser referência no município na produção de batata doce, também de farinha, mandioca, feijão. A comunidade tem a casa de farinha e outras benfeitorias, melhorando assim a qualidade de vida.

Percebe-se ainda ter havido uma revitalização cultural nos Tingui Botó, principalmente após a aquisição das terras. O sincretismo religioso ainda está presente na aldeia. O reflorestamento é muito marcante, a preservação das florestas, das matas. A necessidade urgente de desapropriação de terras de “branco”, próximas ao Ouricuri. Está em foco o encanto pelo cinema, o grau de empoderamento do indígena com a ferramenta do cinema é muito forte. O cinema e a fotografia têm o poder de valorizar e evidenciar a cultura indígena, como também de menosprezar e subjugar.

Referências.

- BARTH, F. **Grupos Étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, P. Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenard. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998;
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Sobre o pensamento antropológico**. – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1988;
- FERREIRA, Ana Laura Loureiro. **“Para outra geração”: Um estudo de Antropologia visual sobre crianças entre os Tingüi-Botó (AL)**. Recife: O Autor, 2010;
- FERREIRA, Ana Laura Loureiro. **Luta, Suor e Terra: Campesinato e Etnicidade nas trajetórias do Povo Indígena Tingüi-Botó e Comunidade Quilombola Guaxinim (AL)** Recife: O Autor, 2016;
- MACDOUGALLI, D. Film, Ethnography, and the Senses. *The Corporeal Image*. Princeton, Oxford: Princeton University Press, 2006;
- MALINOWSKI, B. Argonautas do Pacífico Ocidental. Col. Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1978;
- MARTINS, S. A. C. Renato Athias/UFPE e Gabriel Alvarez/UFG (coordenadores). *Imagens sobre a Amazônia um Olhar a partir da Antropologia Visual*. Trabalho apresentado na III **Reunião** Equatorial de Antropologia, 13 a 17 de agosto de 2011, UFRR, Boa Vista-RR., GT. p. 1-14;
- PEIRANO, M. The anthropology of anthropology: the Brazilian case. *Série Antropologia* 110, Brasília, UnB: 174 pp.